

## “ASFIXIAS SOCIAIS” DA POPULAÇÃO NEGRA E QUESTÕES PARA A TERAPIA OCUPACIONAL

“Social asphyxias” of black population and issues for Occupational Therapy

“Asfixias sociales” de la población negra y cuestiones para la Terapia Ocupacional

### Resumo

Em uma sociedade racialmente desigual as pessoas negras vivenciam cotidianos atravessados pelas manifestações do racismo, que é histórico, estrutural e institucional. Sendo assim, as problematizações que cercam essa população revelam-se importantes para a terapia ocupacional, que tem como foco a participação das pessoas na vida cotidiana. Objetivamos incitar algumas provocações na busca pela abertura de um diálogo e convite aos terapeutas ocupacionais para adentrar as temáticas que envolvem a população negra em suas práticas e produções de conhecimento. Nossa reflexão inicia-se a partir da compreensão de que a realidade dos povos negros é marcada pelas asfixias sociais e genocídio das crianças e jovens, desencadeando movimentos como o *Black Lives Matter* em todo mundo, inclusive no Brasil. Posteriormente, evidenciamos que o contexto do racismo atrelado aos abismos da desigualdade e deflagrado pela pandemia da COVID-19 provoca a política da morte direcionada à população negra. Sequencialmente, sinalizamos a necessidade deste debate, possibilitando a construção de uma assistência e produção de conhecimento comprometidas com práticas emancipatórias; e destacamos a ampliação do número de grupos que se voltam para a questão, possibilitando a construção dos diversos saberes sobre e para a população negra e das ações técnico-políticas para a terapia ocupacional. Por fim, apontamos que a prática antirracista da terapia ocupacional coloca-se como um determinante ético, político e técnico para a realização de ações que vislumbrem a justiça racial e social na vida de sujeitos negros e não-negros em uma sociedade racializada.

**Palavras-chave:** População negra; Terapia Ocupacional; Racismo.

### Abstract

In a racially unequal society, black people experience everyday life crossed by the manifestations of racism, which is historical, structural and institutional. Thus, the problems that involve this population are important for occupational therapy, which focuses on people's participation in everyday life. We aim to incite some provocations searching for an open dialogue and invitation to occupational therapists to enter the themes that involve the black population in their practices and knowledge production. Our reflection begins with the understanding that the reality of black people are marked by social asphyxiation and the genocide of children and young people, causing movements like the Black Lives Matter worldwide, including in Brazil. Afterwards, we highlight that the context of racism linked to the abyss of inequality and accentuated by the pandemic of COVID-19 provokes the policy of death directed to the black population. Sequentially, we pointed the need for this debate, enabling the construction of assistance and knowledge production committed with emancipatory practices; and we highlight the expansion of the number of groups focused on this debate, enabling the construction of different knowledge about and for the black population and technical-political actions for occupational therapy. Finally, we point out that the anti-racist practice of occupational therapy is an ethical, political and technical determinant for carrying out actions that look for racial and social justice in the lives of black and non-black population, in a racialized society.

**Keywords:** Black Population; Occupational Therapy; Racism.

### Resumen

En una sociedad racialmente desigual las personas negras experimentan la vida cotidiana atravesada por las manifestaciones del racismo, que es histórico, estructural e institucional. Por lo tanto, los problemas que rodean a esta población son importantes para la terapia ocupacional, que se centra en la participación de las personas en la vida cotidiana. Nuestro objetivo es incitar algunas provocaciones en la búsqueda de abrir un diálogo y invitación a terapeutas ocupacionales para tratar los temas que involucran a la población negra en sus prácticas y producción de conocimiento. Nuestra reflexión comienza con la comprensión de que la realidad de los negros está marcada por la asfixia social y el genocidio de niños y jóvenes, lo que desencadena movimientos como Black Lives Matter en todo el mundo, incluso en Brasil. Posteriormente, mostramos que el contexto de racismo vinculado al abismo de la desigualdad y provocado por la pandemia de COVID-19 provoca la política de muerte dirigida a la población negra. Secuencialmente, señalamos la necesidad de este debate, permitiendo la construcción de asistencia y producción de conocimiento comprometidos con prácticas emancipatorias; y destacamos la expansión del número de grupos que se enfocan en el tema, permitiendo la construcción de diferentes conocimientos sobre y para la población negra y acciones técnicas y políticas para la terapia ocupacional. Finalmente, señalamos que la práctica antirracista de la terapia ocupacional es un determinante ético, político y técnico para llevar a cabo acciones que prevean la justicia racial y social en la vida de los sujetos negros y no negros en una sociedad racializada.

**Palabras clave:** Población Negra; Terapia Ocupacional; Racismo.

### Sulamita Gonzaga Amorim

Terapeuta Ocupacional do Centro de Atenção Psicossocial Antônio Orlando. Mestranda em Saúde Coletiva (PPGSC/UNICAMP). Integra o Grupo Dona Ivone Lara – Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra e o Laboratório Saúde Coletiva e Saúde Mental – Interfaces (UNICAMP). Campinas, SP, Brasil.

[gonzagasulamita@gmail.com](mailto:gonzagasulamita@gmail.com)

### Sofia Martins

Terapeuta Ocupacional. Doutoranda em Terapia Ocupacional (PPGTO/UFSCar). Integra o Grupo Dona Ivone Lara – Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra e o Grupo de Pesquisa “Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional” (Laboratório METUIA/UFSCar). São Carlos, SP, Brasil.

[to.sofiamartins@gmail.com](mailto:to.sofiamartins@gmail.com)

### Jaime Daniel Leite Junior

Terapeuta Ocupacional. Doutorando em Terapia Ocupacional (PPGTO/UFSCar). Integra o Grupo Dona Ivone Lara – Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra e o Grupo de Pesquisa “Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional” (Laboratório METUIA/UFSCar). São Carlos, SP, Brasil.

[leitejrjd@gmail.com](mailto:leitejrjd@gmail.com)

### Magno Nunes Farias

Terapeuta Ocupacional. Doutorando em Educação (PPGE/UFSCar). Integra o Grupo Dona Ivone Lara – Estudos e Pesquisa em Terapia Ocupacional e População Negra e o Grupo de Pesquisa “Cidadania, Ação Social, Educação e Terapia Ocupacional” (Laboratório METUIA/UFSCar). São Carlos, SP, Brasil.

[magnonfarias@hotmail.com](mailto:magnonfarias@hotmail.com)

## APRESENTAÇÃO

Primeiramente, cabe destacar e agradecer o convite feito pela *Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO* ao Grupo *Dona Ivone Lara: Estudos e Pesquisas em Terapia Ocupacional e População Negra* para realizar este editorial sobre a terapia ocupacional e os aspectos que envolvem o povo negro. Este é um momento histórico, tendo em vista o espaço para abrir um número contendo a discussão de um tema tão urgente. Também, para nós, é um importante reconhecimento dos esforços realizados pelo grupo.

Este coletivo surgiu em outubro de 2016, de maneira independente. É coordenado pelos terapeutas ocupacionais Magno Nunes Farias (São Paulo/Distrito Federal) e Jaime Daniel Leite Junior (São Paulo/Minas Gerais) e integrado por terapeutas ocupacionais de diferentes regiões do país, a saber: Domenica Almeida (São Paulo), Gabriella da Cruz Santos (São Paulo), Isabelly Brasil (Pará/Rio de Janeiro), Letícia Ambrósio (São Paulo), Marlete Oliveira (Rio Grande do Sul), Rovana Patrocínio (Espírito Santo), Sofia Martins (Minas Gerais/São Paulo) e Sulamita Gonzaga Amorim (São Paulo).

O nome é uma homenagem à Dona Ivone Lara – mulher negra, enfermeira, assistente social e *especialista*<sup>a</sup> em terapia ocupacional – pessoa importante para a prática da terapia ocupacional a partir dos anos de 1940 e 1950 no Brasil. Dona Ivone esteve ao lado de Nise da Silveira nas proposições de cuidado aos sujeitos institucionalizados em manicômios. Contudo, é comum vermos a sua contribuição apagada da história da saúde pública brasileira.

As primeiras elaborações do Grupo foram colocadas no artigo *Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial* (Farias et al)<sup>3</sup>, também publicado neste periódico.

Neste editorial, buscaremos incitar algumas provocações em busca da abertura de um diálogo e convite aos terapeutas ocupacionais para o contato e abordagem das questões que envolvem a população negra, em suas práticas e produções de conhecimento.

## TERAPIA OCUPACIONAL, COTIDIANO E RACISMO

A terapia ocupacional se constitui como um campo de saberes e práticas que tem como

---

a. Ivone Lara se formou na década de 1940 no *Curso Elementar de Terapêutica Ocupacional*, oferecido por Nise da Silveira, que formaria o que viriam a ser intituladas auxiliares de praxiterapia ou terapia ocupacional - com caráter de especialista (Paranhos<sup>1</sup>; Silva<sup>2</sup>). Naquele momento, no Brasil, a terapia ocupacional designava um conjunto de *práticas que usavam a ocupação como recurso terapêutico*, vindo a se institucionalizar como profissão apenas na década de 1950.

foco o cotidiano de indivíduos e coletivos, buscando estudar e intervir junto àqueles que têm suas participações restringidas por limitações de origens diversas. Os objetivos da terapia ocupacional delineiam-se a resgatar as potências de vida (Galheigo; Simó)<sup>4</sup> e promover a experimentação das possibilidades de ser, estar, criar e gozar dos bens sociais e culturais.

A vida cotidiana é a vida de todos os dias e de todos os seres humanos, é o centro da práxis humana (Carvalho; Netto)<sup>5</sup>, o lugar em que as pessoas “ganham ou deixam de ganhar a vida, num duplo sentido: não sobreviver ou sobreviver, apenas sobreviver ou viver plenamente. É no cotidiano que se tem prazer ou se sofre” (Lefebvre, p. 27)<sup>6</sup>.

Para Pais<sup>7</sup>, o cotidiano “é um lugar revelador, por excelência, de determinados processos do funcionamento e da transformação das sociedades e de determinados conflitos que opõem os agentes sociais” (p. 8)<sup>7</sup>. O cotidiano é um universo de aspectos microssociais em constante relação dialética com os aspectos macrosociais que, por sua vez, dizem respeito às dinâmicas e estruturas sociais, da vida individual e da vida coletiva, contemplando “a subjetividade, a cultura, a história e o poder social como elementos que influem na compreensão do fenômeno” (Galheigo, p.107)<sup>8</sup>.

Compreendendo a vida cotidiana como esse espaço que está em relação com os processos históricos, sociais, políticos, culturais e econômicos, os cotidianos das populações historicamente subalternizadas são permeados pelas relações de poder e pelas marcas das opressões, que se (re)produzem com o tempo, sustentadas pelas estruturas de exclusão.

Assim, ao fazer referências às vidas negras, entendemos que dentro de uma sociedade racializada, essas pessoas vivenciam cotidianos impactados pelos produtos dessa configuração racial – que privilegia os não-negros, moldada pelo racismo. Gonzalez<sup>9</sup> aponta a sofisticação do racismo na manutenção dos povos negros como o grupo mais explorado, sobretudo, pela sua forma ideológica, vinculada a *ideologia da branquitude*.

O racismo opera estruturalmente e pode se expressar nos níveis pessoal/ internalizado, interpessoal e institucional. Ou seja, ele é um fenômeno ideológico, amplo e complexo que configura a cultura, a política e a ética, promovendo a manutenção e perpetuação de privilégios e hegemonias ao produzir um quadro de destituição e exclusão material e simbólica (Geledes)<sup>10</sup> nos diversos âmbitos da vida, como escolaridade, mercado de trabalho, concentração de renda, índices de mortalidade, violência urbana, local de moradia, saneamento básico, entre outros (Almeida<sup>11</sup>; IBGE<sup>12</sup>).

Kilomba<sup>13</sup> associa o racismo à construção de/da diferença (entre o *eu* e os *outros*), ligada à discriminação e aos valores hierárquicos, em que o sujeito negro não é só entendido como diferente, mas inferior – sendo vítima do preconceito. Nesse sentido, a autora aponta para a face do *racismo cotidiano*, que está atrelado à estrutura social e institucio-

nal, referindo-se a “todo vocabulário, discursos, imagens, gestos, ações e olhares” (Kilomba, p.78)<sup>13</sup> que colocam os sujeitos negros como *o outro*, como a personificação de características reprimidas na *sociedade branca*.

Nessa lógica, “o racismo cotidiano não é um ‘ataque único’ ou um ‘evento discreto’, mas sim uma ‘constelação da experiência de vida’, uma ‘exposição constante ao perigo’, um ‘padrão contínuo de abuso’ que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém – no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família” (Kilomba, p.80)<sup>13</sup>. Portanto, os aspectos históricos e estruturais que estão relacionados à desigualdade e preconceito racial, desembocam no viver cotidiano de diversas formas, seja no acesso a bens sociais e cidadania ou na construção subjetiva dos sujeitos negros (Farias *et al*)<sup>3</sup>.

Tendo em vista o interesse da terapia ocupacional na vida cotidiana de populações atravessadas por questões de diversas ordens, entende-se que a questão racial é um marcador fundamental para o estudo e intervenção profissional. Em uma sociedade estruturada pelo racismo, a constituição racial é um ponto que produz impactos materiais e imateriais na vida dos sujeitos, como aqueles com deficiência, com transtornos mentais, com problemas neurológicos, com questões sociais e culturais, entre outros (Farias *et al*)<sup>3</sup>; Martins; Farias<sup>14</sup>). Ademais, o marcador de raça compõe a experiência de vida dos sujeitos, e precisa ser considerado em interlocução com outros marcadores sociais da diferença, os quais atravessam as trajetórias de vida e imprimem diversas dinâmicas nas relações sociais e raciais e nas manifestações de violências.

## **VIDAS NEGRAS E TERAPIA OCUPACIONAL: PROBLEMATIZANDO QUESTÕES**

Em um cenário singular com alterações significativas do cotidiano devido a COVID-19<sup>b</sup>, os terapeutas ocupacionais têm acompanhado discussões referentes a um conjunto de termos<sup>c</sup> relacionados às problemáticas da população negra - raça, branco, negro, preto, branquitude, racismo, luta antirracista, cultura, identidade, entre outros - nas mídias, nas redes sociais, nos jornais e nos diálogos cotidianos. Nesta direção, percebemos um movimento marcante, em que os profissionais não somente têm adquirido informações sobre tais discussões, como têm apresentado um conjunto de esforços e iniciativas buscando protagonizar esse debate.

---

b. Doença causada pelo SARS-CoV-O, seu início de disseminação ocorreu na província de Hubei, na China, e veio se alastrando rapidamente por todos os continentes. A Organização Mundial da Saúde (OMS), em 11 de março de 2020, caracterizou os surtos da doença como uma pandemia (OPAS)<sup>16</sup>.

c. Nossa intenção não é abarcar a discussão conceitual e paradigmática que envolve cada um desses termos, mas sinalizar um conjunto de debates que vêm sendo feitos por terapeutas ocupacionais.

Historicamente, a terapia ocupacional brasileira lida, em sua prática, com sujeitos negros. É indispensável ressaltar que no desenvolvimento da profissão no Brasil, nos deparamos com profissionais ligados majoritariamente às instituições públicas de assistência (Bezerra)<sup>17</sup>, que lidavam com sujeitos em vulnerabilidade social, em sua maioria negra. Exemplo disso é o trabalho de Silva *et al*<sup>18</sup>, que sistematizou o perfil dos usuários dependentes do Sistema Único de Saúde (SUS) em 2008, identificando que esses serviços eram mais utilizados por pretos e pardos, sendo eles 67,3% dos usuários. Tal número era 1,4 vezes mais alto do que o número que identificava usuários brancos, que representam 47,5%.

Desta forma, ainda que não houvesse um recorte para entender as especificidades da população negra pela terapia ocupacional, é impossível dissociarmos a atuação de seus profissionais em interface a este grupo populacional. Portanto, não acreditamos que seja novidade pensarmos a profissão junto ao povo negro. Ao nosso entender, nossa contribuição é posta em direção à composição de uma discussão crítica e conscientizadora que se volta para a prática antirracista e emancipatória junto a esses sujeitos, enquanto, simultaneamente, congrega as pessoas não negras.

Dentro de um contexto sócio-histórico e cultural, perpetua, na nação brasileira, o mito da democracia racial e da negação do racismo (Munanga<sup>19</sup>; Nogueira<sup>20</sup>). Estes têm como justificativa o processo de miscigenação, trazendo a ilusão de que houve integração do negro pós-abolição da escravatura (Munanga)<sup>19</sup>.

Uma pesquisa realizada pelo Datafolha<sup>21</sup>, em 1995, perguntava: existe racismo no Brasil? 89% das pessoas afirmaram que sim, ao passo que apenas 10% se autodeclararam racistas. Esta pesquisa deu origem ao livro *Racismo Cordial*, organizado por Cleusa Turra e Gustavo Venturi, que analisou a dificuldade brasileira em localizar o racismo. Afinal, uma sociedade fundada no mito da democracia racial e na ideia de um país pacifista, criou mecanismos sofisticados de naturalização da violência e banalização da morte dos corpos negros, os quais são cotidianamente associados à figura do criminoso, do suspeito, e com isso, justifica-se o seu extermínio e encarceramento (Borges)<sup>22</sup>.

A ideologia da democracia racial configura a negação do interesse pelos estudos do racismo, especialmente na América Latina, estabelecendo um processo de naturalização das desigualdades relacionadas às pessoas negras e indígenas. Esse quadro dificulta uma análise aprofundada do quanto a raça informa sobre as disparidades de classe. Além disso, os estudos a respeito das populações vulnerabilizadas comumente são desenvolvidos por pesquisadores acadêmicos originários de grupos sociais e de classes que sempre estiveram no poder, acarretando baixos índices de motivação na investigação do tema do qual eles vêm sendo beneficiários (Van Dijk)<sup>23</sup>. Certamente, a terapia ocupacional não ficou de fora dessa lógica, que negligencia/nega o tema.

Outro exemplo de formas de operacionalização do racismo está no lugar do negro no ambiente acadêmico. A historiografia sobre negritude nas publicações comerciais, mercado editorial brasileiro e internacional, apresenta-se reduzida. As justificativas dessa baixa produção baseiam-se na ausência de aceitação e interesse dos leitores nos produtos que se dedicam à temática do negro no Brasil e/ou em contextos internacionais (Oliveira)<sup>24</sup>.

A correlação dos estudos do racismo na produção acadêmica com o conhecimento em terapia ocupacional, cujo enfoque é em análises das repercussões da experiência de racismo no fazer humano, possui resultados semelhantes aos mencionados acima. Porém, Beagan e Etowa<sup>25</sup>, apontam que o interesse dos terapeutas ocupacionais tem sido pautado no trabalho direcionado às diversidades e competências culturais, bem como na preocupação sobre a relação entre a ocupação e a cultura. A partir de uma pesquisa com afro-canadenses, as autoras apontam que a análise da repercussão do racismo nas ocupações é igualmente importante para pensar as experiências e ambivalências de participação, significado e engajamento nas ocupações das pessoas marginalizadas pela raça.

No Brasil, Farias *et al*<sup>3</sup> corroboram com a discussão, argumentando, por meio de um estudo reflexivo, sobre a necessidade de propor debates que correlacionem diversidade ao racismo e xenofobia. De uma forma geral, os autores sinalizam que, na prática do terapeuta ocupacional com as populações negras, as contribuições podem ocorrer na construção das identidades negras e negritudes e no fortalecimento da participação social, vislumbrando a superação das desigualdades de acesso a direitos fundamentais. O estudo de Martins e Farias<sup>14</sup> traz a discussão de uma prática em terapia ocupacional, com uma menina negra, cuja experiência de vida é desencadeada pela lógica do racismo, sinalizando alternativas para uma intervenção técnica, ética, estética e política comprometida no enfrentamento de tais questões.

Nesse sentido, é de suma importância ressaltar que, embora em nossas trajetórias educacionais o tema racial tenha se configurado como ausente e/ou insuficiente nos projetos pedagógicos de ensino – dando indícios, muitas vezes, de que este seja um debate recente – a abordagem e a expansão das organizações negras (Silva)<sup>26</sup> nos diferentes espaços ocorreram e seguem ocorrendo. Essas organizações denunciam o racismo, o combatem e apresentam propostas de mudanças sociais em diversas localidades da sociedade brasileira. Ao decorrer do texto, apresentaremos iniciativas que partem ou passam pela terapia ocupacional.

## **AS ASFIXIAS SOCIAIS E A MORTE DA POPULAÇÃO NEGRA: ATRAVESSAMENTOS CONJUNTURAIS**

“Eu não consigo respirar” ou “*I can't breathe*” é o lema de uma onda de protestos antirracistas iniciados após o homicídio de George Floyd, homem negro de 46 anos, assassinado em

25 de maio de 2020 em Minneapolis (EUA), durante uma abordagem policial. George estava desarmado e após ser imobilizado, sem resistência e estirado no chão, teve seu pescoço pressionado pelo joelho do policial branco por mais de 8 minutos. Morreu após dizer repetidamente “EU NÃO CONSIGO RESPIRAR” (Laborde)<sup>27</sup>.

A cena, que foi gravada por uma jovem de 17 anos, viralizou nas redes sociais. O vídeo provocou comoção mundial, na medida em que revela, sem filtros, a crueldade e insensibilidade com que um homem negro é morto pela mão armada do Estado, ardendo como álcool na ferida daqueles que se veem representados por George, um corpo negro, um corpo matável.

O assassinato causou indignação e mobilizou uma série de manifestações lideradas pelo movimento *Black Lives Matter* ou *Vidas negras importam*. Os protestos alcançaram os 50 estados dos EUA, além de diversos países, inclusive o Brasil.

Ainda que diante da maior pandemia do século, milhares de pessoas foram às ruas. Movidas pela revolta e a necessidade de lutar pelos seus, precisaram enfrentar o risco de contaminação pelo novo Coronavírus para clamarem por justiça, mesmo a pandemia já se revelando especialmente perversa para a população negra (Farias; Leite Jr)<sup>28</sup>.

Na mesma semana em que emergem os protestos pelo assassinato de Floyd, no Brasil, vivenciamos a atrocidade da morte do menino Miguel, negro, cinco anos de idade, filho de uma empregada doméstica. Miguel morreu ao cair do nono andar do prédio dos patrões de sua mãe, o prefeito e a primeira-dama da cidade de Tamandaré (PE). A mãe de Miguel havia se ausentado, pois precisou levar para passear o cachorro da patroa e esta ficou responsável pelos cuidados do menino. Os vídeos das câmeras de segurança do prédio mostram a primeira dama, Sari Corte Real, colocando Miguel no elevador e apertando o botão para a cobertura, deixando-o subir sozinho. Parte das comoções sociais, que também geraram movimentos coletivos de protesto, vieram do choque da população ao desvelar a insensibilidade e descuido da patroa branca pela criança negra, que recebeu menos humanização do que o animal de estimação (Magri)<sup>29</sup>.

Exemplificando como a morte de pessoas negras não é um caso pontual, de acordo com o Mapa da Violência de 2014<sup>30</sup>, 77% das pessoas assassinadas no Brasil em 2012 foram jovens negros, sendo que a cada 23 minutos uma pessoa negra é morta. O que resta é ocupar as ruas, visto que mesmo em meio à pandemia de COVID-19, estar em casa não é sinônimo de segurança para esta população, haja vista que João Pedro, jovem negro de 14 anos, foi morto dentro de casa durante uma operação policial no Rio de Janeiro, em maio de 2020 (Vinhai)<sup>31</sup>.

A provocação posta pelo assassinato de Floyd, bem como do menino Miguel, evidenciou um debate que já é historicamente pautado por diversas frentes dos movimentos negros, contudo, estas proposições são ativamente sufocadas pelos dispositivos racistas que visam manter sua invisibilização. No caso brasileiro, a invisibilização do racismo e genocídio da população negra ganha características singulares, devido ao mito da democracia racial, conforme apontamos anteriormente.

Apesar de, atualmente, o debate racial ter ganhado um destaque maior, por uma série de fatores conjunturais, não é possível compreendê-lo deslocado de um processo histórico. Embora os casos de Floyd e Miguel aproximem o Brasil dos Estados Unidos, eles reservam importantes diferenças históricas e sociais no que tange ao estabelecimento da escravidão, colonialismo, imperialismo, formas de resistências, mecanismos de controle populacional e políticas de reparação. No Brasil pós-abolição, não houve leis assumidamente segregacionistas, como se constituíram em países como África do Sul e Estados Unidos. Neste último, a consciência das políticas separatistas e de estratificação racial tornou-se um fato reconhecido, ao passo que no Brasil lançou-se mão do aparato jurídico que garantiu a manutenção da estrutura escravagista no pós-escravidão, ao mesmo tempo em que a camuflou (Leite)<sup>32</sup>.

Como ilustração disso, podemos citar o Decreto de lei nº 3.688 de 1941, conhecido como a lei da vadiagem. Esta proposição criminalizou as práticas culturais e religiosas negras, bem como a permanência nas ruas por pessoas sem trabalho, condição à qual os recém "libertos" estavam relegados. Tal fato inaugurou um processo sistemático de perseguição e encarceramento da população negra, o qual perdura até os dias atuais.

É nessa configuração do *racismo à brasileira* ou, como coloca Gonzalez<sup>9</sup>, *racismo disfarçado*, velado, não dito, mas perpetuado estruturalmente nas instituições e nas relações cotidianas, que se configuram os elementos perversos produtores de mortes sistemáticas, como foi o assassinato de Miguel.

Herdeiro da escravidão, o trabalho doméstico e as condições das empregadas domésticas escancaram a reformulação das formas e contornos assumidos pelo racismo no Brasil. Um estudo realizado em 2018, pelo Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada, revela que no Brasil existem 5,7 milhões de empregadas domésticas, de maioria composta por mulheres negras, cujo trabalho é caracterizado pela baixa renda, precarização, fragilidade de direitos trabalhistas e informalidade (Pinheiro *et al*)<sup>33</sup>.

Por consequência dessa realidade, a pandemia causada pelo novo Coronavírus aprofundou e escancarou as disparidades raciais que conformam a sociedade brasileira, na medida em que a capacidade de resposta à pandemia diz sobre uma série de fatores dos quais a população negra está à margem. Muitas vezes, a norma do "fique em casa" não se coloca como possibilidade para aqueles que estão inseridos no trabalho informal ou desempregados. Ainda, a proposta de distanciamento social traz para a cena novos desafios, ao pensarmos nas famílias numerosas, residentes em pequenas casas, onde compartilham o mesmo quarto e banheiro (Farias; Leite Jr)<sup>28</sup>. Cabe ainda lembrar o ato do Governo do Pará que, por meio do Decreto 729/2020<sup>34</sup>, estabeleceu o trabalho das empregadas domésticas como serviço essencial durante a medida de isolamento, legalizando a exploração e exposição destas pessoas à infecção. A necessidade de levar os filhos para o trabalho e conseqüentemente para o lugar de contágio, evidencia mais uma das negações de direito ao cuidado e à segurança, principalmente das mulheres negras e seus filhos.



Esse quadro, conforme proposto por Mbembe<sup>35</sup>, reafirma a política necrófila do Estado, que mais do que retirar o direito à vida, cria estratégias que favorece a morte destes sujeitos. Enquanto o “*Home Office*” é proposto como uma estratégia de prevenção, as intervenções e operações policiais nas periferias resultam no assassinato de jovens negros dentro de suas casas, explicitando assim, quais vidas se pretende preservar e como o aparato jurídico-legal se apresenta enquanto ferramenta de extermínio, histórica e sistematicamente mais eficaz e danosa que o próprio Coronavírus.

Referente ao contexto da saúde, pesquisadores e pesquisadoras negras brasileiras apontam as disparidades históricas de acesso aos serviços. Lopes<sup>36</sup> assinala que a população negra apresenta *experiências desiguais ao nascer, viver e morrer*. Esse fato pode ser traduzido, por exemplo, no predomínio de mortes maternas de mulheres negras, ou ainda pela maior prevalência de doenças crônicas como hipertensão (44,2%) e diabetes (12,7%) nesta população, se comparado com a população branca (Brasil)<sup>37</sup>.

Assim, é devido ao extermínio, precarização e desumanização das pessoas negras que reforçamos que se todas as vidas importam, é urgente a defesa da vida daqueles que cotidianamente são alvejados para morrer. Fazemos eco à cantora baiana Luedji Luna: “*Quem vai pagar a conta? Quem vai contar os corpos? Quem vai catar os cacos dos corações?*”<sup>d</sup> Sem um debate racial consistente e a constante busca pela justiça social, não existirão chances de viver as expressões da diferença e produzir a igualdade, tampouco construiremos um Estado seguramente democrático.

## ALGUMAS INICIATIVAS: CONSTRUINDO CAMINHOS

Na direção de construir novas formulações possíveis para a assistência e produção de conhecimento em terapia ocupacional, contemporaneamente, existem algumas propostas que reúnem terapeutas ocupacionais negras e/ou que discutem as questões raciais. Consideramos salutar valorizar estes movimentos, ao passo que ao fazermos isso queremos contribuir para que o leitor localize fontes, não dizendo necessariamente a totalidade de ações, visto que podem existir outras que desconhecemos.

Nacionalmente, temos o *Grupo Dona Ivone Lara: Estudos e Pesquisas em Terapia Ocupacional e População Negra*, proposta que nasce da reunião de jovens terapeutas ocupacionais que ansiavam por refletir e produzir conhecimentos sobre a terapia ocupacional que se voltasse

---

d. A música *Cabô*, integra o álbum *Um corpo no mundo*, lançado em 2017 pela cantora negra baiana, Luedji Luna.

para a população negra, entendendo suas especificidades e as contribuições da profissão junto a esta população; o *Laboratório Işę: Estudos africanos integrado às atividades e a terapia ocupacional*, o qual objetiva reunir diferentes pesquisadores e organizações interessados nas epistemologias e atividades africanas, buscando reconstruir na terapia ocupacional afro-referências que versam sobre a produção das subjetividades afrobrasileiras (Laboratório Işę)<sup>38</sup>; a *Casa das Áfricas*, instituição autônoma voltada para o aprimoramento e compartilhamento dos vínculos com o continente africano. A equipe também é composta por terapeutas ocupacionais implicadas com a produção de conhecimento e práticas que abarquem as dimensões étnico-raciais (Casa das Áfricas)<sup>39</sup>; o *Grupo de Estudos AFETO (Africanidades e Feminismos: Educação e Terapia Ocupacional)*, em que estudantes e profissionais da educação e terapia ocupacional voltam-se para os estudos sobre práticas antirracistas e antipatriarcais. Além disso, temos o coletivo *Terapeutas Ocupacionais Pretas e Pretos – Brasil*, que se mobilizam a partir da rede social Facebook®, para o compartilhamento de experiências e promoção de ações em prol do debate racial na profissão. Nos Estados Unidos, temos a *National Black Occupational Therapy Caucus - NBOTC*, entidade fundada para construir uma rede de apoio para terapeutas ocupacionais negras. Parte de seus objetivos é ampliar a comunicação entre estudantes e terapeutas ocupacionais negras, bem como fazer investimentos na busca de igualdade e melhores condições de oportunidades, empregos e educação destes sujeitos (NBOTC)<sup>40</sup>.

É importante sinalizar que as ações desses grupos têm pressionando posicionamentos e intervenções de instituições representativas da categoria profissional sobre a temática, a exemplo, o *Manifesto Antirracista*, construído por diversos profissionais do Brasil (ATOESP)<sup>41</sup>. A *Associação de Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo – ATOESP* também construiu um manifesto sobre o tema, lançando a campanha *#TerapiaOcupacionalAntirracista* (ATOESP)<sup>42</sup>. Como efeito, essas mobilizações também chegaram a *Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais – ABRATO*, que divulgou uma *Nota-Manifesto #VidasNegrasImportam*, em defesa da luta da população negra a partir de uma terapia ocupacional crítica-reflexiva e antirracista (ABRATO)<sup>43</sup>. A nível mundial, a *World Federation of Occupational Therapists – WFOT* publicou a *Declaração da WFOT sobre Racismo Sistêmico*, colocando-se a favor do movimento *Black Lives Matter*, problematizando o racismo e afirmando o compromisso global da profissão em combatê-lo (WFOT)<sup>44</sup>.

Isso nos mostra que a criação de grupos dentro e fora da academia é de extrema importância para a capilarização do debate, ampliando as possibilidades de construção dos diversos saberes sobre e para a população negra, além da proposição de diferentes ações técnico-políticas da terapia ocupacional.

Essas diferentes iniciativas colocam-se como suporte para os profissionais compreenderem que existem demandas específicas que envolvem a população negra e que o racismo opera de forma estrutural na sociedade, trazendo impactos severos no cotidiano (Almeida<sup>12</sup>; Kilom-

ba<sup>14</sup>). Mais do que isso, é importante que terapeutas ocupacionais apreendam que as discussões raciais são para todos os sujeitos, negros e não-negros, pois todos são racializados, contudo, alguns sujeitos se beneficiam desta lógica, enquanto outros são subalternizados.

Assim, a construção de práticas e pesquisas antirracistas se dá na emergência de novas formas de atuar, novas proposições pedagógicas que subvertam o lugar de subalterno do negro. Essa construção vai acontecendo na medida em que rompemos com o epistemicídio das produções negras, valorizando seus saberes atuais, ancestrais e seus conhecimentos tecnológicos. É comer uma feijoada e saber de onde ela veio, é oferecer uma oficina de capoeira e poder, além de jogar, contar para todo mundo que o que acabou de ser praticado são movimentos complexos e ancestrais que chegaram no Brasil pelos povos africanos em diáspora, vindo escravizados. Acreditamos e defendemos que tais práticas devam ser desenvolvidas com todos aqueles que intervimos, entre nós, e entre outros colegas de trabalho. Trata-se de um alinhamento político que precisa estar no cotidiano, pensado em todas as ações que iremos desenvolver, sem necessariamente criar grupos, atividades ou novas práticas. É se comprometer com a pauta o ano todo e não só no 20 de novembro, ainda que seja extremamente importante a demarcação da data.

Há de se superar uma terapia ocupacional forjada na narrativa de que sujeitos não têm cor e raça, calcada em um discurso de que "todos são iguais para mim". Na realidade social da vida cotidiana, é sabido que essa igualdade é inexistente e a democracia racial é um mito. A vida concreta dos sujeitos é perpassada por diversos marcadores, entre eles o de raça, que estratifica, hierarquiza e subalterniza vidas, limitando a participação social de indivíduos e coletivos.

A terapia ocupacional que se propõe a uma prática antirracista tem como direcionamento um horizonte ético, político e técnico para a realização de ações orientadas à vida e ao alcance das necessidades de sujeitos em uma sociedade racializada (Martins; Farias)<sup>15</sup>. É necessária uma atuação profissional atenta ao risco de corroborar com a (re)produção das lógicas de desigualdade raciais, que seja comprometida com práticas de emancipação. Para nós, somente desta forma caminharemos na direção de um mundo mais justo, que oportunize a todas e todos o direito de respirar as possibilidades cotidianas - que ressoe "o eco da vida-liberdade"<sup>16</sup>.

## Referências

1 Paranhos T. Dona Ivone Lara: muito além do samba. Taís Paranhos - Jornalista e professora, 2018. [acesso em 2020 jun. 16]. Disponível em: <https://www.taisparanhos.com.br/2018/04/dona-ivone-lara-muito-alem-do-samba.html>.

---

e. Trecho do poema *Vozes-Mulheres* de Conceição Evaristo.

- 2 Silva JOMP. A arte na terapêutica ocupacional de Nise da Silveira [Tese]. Campinas: Universidade Estadual de Campinas; 2011.
- 3 Farias MN; Leite Junior JD; Costa IRBB. Terapia Ocupacional e população negra: possibilidades para o enfrentamento do racismo e desigualdade racial. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro. 2018, .2(1): 228-243.
- 4 Galheigo S; Simó AS. Maestras de la terapia ocupacional. Sandra Galheigo: la poderosa emergencia de la terapia ocupacional social. TOG. A Coruña. 2012; 9 (15):1-41.
- 5 Carvalho MCB; Netto JP. Cotidiano: conhecimento e crítica. São Paulo: Cortez; 2007.
- 6 Lefebvre H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo: Editora Ática; 2012.
- 7 Pais JM. Paradigmas sociológicos na análise da vida cotidiana. Análise social; 1986; 22 (90):07-57.
- 8 Galheigo SM. O cotidiano na terapia ocupacional: cultura, subjetividade e contexto histórico-social. Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo. 2003; 14(3):104-9.
- 9 Gonzalez L. A categoria político-cultural de amefricanidade. Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro. 1988; 92(93):69-82.
- 10 Geledés Instituto da Mulher Negra. Racismo institucional: uma abordagem conceitual. Geledés – Instituto da Mulher Negra – Centro Feminista de Estudos e Assessoria, s/a.
- 11 Almeida SL. O que é racismo estrutural? Belo Horizonte: Letramento; Justificando; 2018.
- 12 IBGE. Coordenação de Populações e Indicadores Sociais. Desigualdades sociais por cor ou raça no Brasil. Rio de Janeiro: IBGE; 2019.
- 13 Kilomba G. Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano. Lisboa: Orfeu Negro; 2019.
- 14 Martins S; Farias MN. Práticas de terapia ocupacional e contexto sociocultural: caso de uma menina negra. In: Gradim LCC; Finarde TN; Carrijo DCM. Práticas em terapia ocupacional. 1ª ed. Barueri - SP: Manole; 2020. p.32 - 37.
- 16 Organização Pan-Americana de Saúde–OPAS (2020). Folha informativa –COVID-19 (doença causada pelo novo coronavírus); 2020. [acesso em 2020 maio 1]. Disponível em: [https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6101:COVID19&Itemid=875](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6101:COVID19&Itemid=875).
- 17 Bezerra WC. A Terapia Ocupacional na sociedade capitalista e sua inserção profissional nas políticas sociais no Brasil [Dissertação]. Maceió: Universidade Federal de Alagoas; 2011.
- 18 Silva ZP da; Ribeiro MCSA; Barata RB; Almeida MF de. Perfil sociodemográfico e padrão de utilização dos serviços de saúde do Sistema Único de Saúde (SUS), 2003- 2008. Ciênc. saúde coletiva. 2011; 16(9): 3807-3816.

- 19 Munanga K. Algumas considerações sobre "raça", ação afirmativa e identidade negra no Brasil: fundamentos antropológicos. *Revista USP*. 2006; (68): 46-57.
- 20 Nogueira IB. A saúde psíquica da população negra. In: Oliveira RMS. *Cenários da saúde da população negra no Brasil: diálogos e pesquisa*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço; 2016. p. 17-24.
- 21 Freire S. 76% veem racismo no Brasil, mas só 28% admitem preconceito contra negros. *DataPoder* 360.01 jul 2020. [acesso em 2020 jul 5]. Disponível em <https://www.poder360.com.br/datapoder360/76-veem-racismo-no-brasil-mas-so-28-admitem-preconceito-contra-negros/>.
- 22 Borges J. *Encarceramento em massa*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- 23 Van Dijk TA. Prefácio. In: Van Dijk TA. *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto; 2008. p. 7-24.
- 24 Oliveira RJ. Desigualdades em saúde: questões urbanas e raciais. In: Oliveira RMS. *Cenários da saúde da população negra no Brasil: diálogos e pesquisa*. Cruz das Almas: EDUFRB; Belo Horizonte: Fino Traço; 2016. p. 119-146.
- 25 Beagan BL; Etowa J. The impact of everyday racism on the occupations of African Canadian women. *Canadian Journal of Occupational Therapy*. 2009; 76(4):285-293.
- 26 Silva MP. O alcance político dos movimentos sociais de combate ao racismo no Brasil. In: Barbosa LMA; Silva PBG; Silvério VR. *De preto a afro-descendente: trajetos da pesquisa sobre relações étnico-raciais no Brasil*. São Carlos: EdUFSCar; 2010. p. 109-122.
- 27 Laborde A. Protestos contra morte de homem negro nas mãos de policial branco se espalham pelos Estados Unidos. *El País*. Washington, 29 Mai 2020; Internacional. [acesso em 2020 jul 3]. Disponível em <https://brasil.elpais.com/internacional/2020-05-29/protestos-contra-morte-de-afro-americano-nas-maos-da-policia-se-espalham-pelos-estados-unidos.html>.
- 28 Farias MN; Leite JR JD. Vulnerabilidade social e COVID-19: considerações a partir da terapia ocupacional social *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/Brazilian Journal of Occupational Therapy*; 2020. Preprint.
- 29 Magri D. Morte de criança negra negligenciada pela patroa branca de sua mãe choca o Brasil. *El País*. São Paulo, 04 Jun 2020; Acidentes domésticos. [acesso em 2020 jul 5]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-06-04/morte-de-crianca-negra-negligenciada-pela-patroa-branca-de-sua-mae-choca-o-brasil.html>.
- 30 Waiselfisz JJ. *Mapa da Violência, 2014. Os jovens do Brasil*. Rio de Janeiro: Flacso Brasil. 2014. [acesso em 2020 jul 3]. Disponível em: [http://prattein.com.br/home/images/stories/230813/direitos\\_crianca\\_adolescente/Mapa\\_da\\_Violncia\\_2014\\_sumrio.pdf](http://prattein.com.br/home/images/stories/230813/direitos_crianca_adolescente/Mapa_da_Violncia_2014_sumrio.pdf).

31 Vinhal G. Mãe sobre morte de João Pedro: se fosse na Zona Sul, não entrariam atirando. Metropole. 14 jun 2020. Brasil. [acesso em 2020 jul 5]. Disponível em <https://www.metropoles.com/brasil/mae-sobre-morte-de-joao-pedro-se-fosse-na-zona-sul-nao-entrariam-atirando>.

32 Leite G. Considerações sobre a segregação racial nos Estados Unidos (EUA). 08 abr 2020. África e Diáspora. [acesso em 2020 jul 5]. Disponível em <https://www.geledes.org.br/consideracoes-sobre-a-segregacao-racial-nos-estados-unidos-eua>.

33 Pinheiro L; Lira F; Rezende M; Fontoura N. Instituto de Pesquisa e Economia Aplicada- Os Desafios do Passado no Trabalho Doméstico do Século XXI: reflexões para o caso brasileiro a partir dos dados da PNAD Contínua. Brasília- DF; 2019. [acesso em 2020 jul. 4]. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td\\_2528.pdf](https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2528.pdf).

34 Pará. Decreto nº 729, de 5 de maio de 2020. Dispõe sobre a suspensão total de atividades não essenciais (lockdown), no âmbito dos Municípios de Belém, Ananindeua, Marituba, Benevides, Castanhal, Santa Isabel do Pará, Santa Bárbara do Pará, Breves, Vigia e Santo Antônio do Tauá visando a contenção do avanço descontrolado da pandemia do coronavírus- COVID-19. Diário oficial do Pará 7 de mai de 2020.

35 Mbembe A. Necropolítica. Arte & Ensaios. 2016. (32). 1-30.

36 Lopes F. Experiências desiguais ao nascer, viver, adoecer e morrer: tópicos em saúde da população negra no Brasil. In: Batista LE; Kalckmann S. Seminário Saúde da População Negra Estado de São Paulo 2004. São Paulo: Instituto de Saúde; 2005. p.53-101.

37 Brasil. Ministério da Saúde. Indicadores de vigilância em saúde descritos segundo a variável raça/cor, Brasil. Boletim Epidemiológico, Brasília, DF; 2017. [acesso em 2020 jul. 4]. Disponível em: <http://www.saude.gov.br/images/pdf/2017/fevereiro/17/Indicadores-de-Vigilancia-em-Saude-descritos-segundo-ra--a-cor.pdf>.

38 Laboratório Işę [homepage na internet]. Sobre o Lab-Işę [acesso em 04 jul 2020]. Disponível em: <https://iselaboratorio.wixsite.com/website>.

39 Casa das Áfricas [homepage na internet]. Nossa história [acesso em 04 jul 2020]. Disponível em: <http://casadasafricas.org.br/wp/quem-somos/>.

40 National Black Occupational Therapy Caucus [homepage na internet]. About us [acesso em 04 jul 2020]. Disponível em: <https://www.nbotc.org/about-us>.

41 Associação de Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo [homepage na internet]. Manifesto Antirracista – Coletivo de Terapeutas Ocupacionais Pretas e Pretos. 2020. [acesso em 18 jul 2020]. Disponível em: <https://atoesp.org.br/2020/06/17/manifesto-antirracista-do-coletivo-de-terapeutas-ocupacionais-pretas-e-pretos/>

42 Associação de Terapia Ocupacional do Estado de São Paulo [homepage na internet]. #TerapiaOcupacionalAntirracista – Manifesto ATOESP. 2020. [acesso em 18 jul 2020]. Disponível em: <https://atoesp.org.br/2020/07/01/terapiaocupacionalantirracista-manifesto-atoesp/?fbclid=IwAR3ZgAiq6kssQ7zH9abpPUOgRxfARNNL6LWcjRHi1QrifjvsL3FLWyL2BUo>

43 Associação Brasileira dos Terapeutas Ocupacionais [homepage na internet]. Nota-Manifesto ABRATO Nacional #vidasnegrasimportam. 2020. [acesso em 18 jul 2020]. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CBeUwzclruy/>

44 World Federation of Occupational Therapists – WFOT [homepage na internet]. WFOT Statement on Systemic Racism. 2020. [acesso em 18 jul 2020]. Disponível em: <https://www.wfot.org/assets/resources/WFOT-Statement-on-Systemic-Racism.pdf>

**Financiamento:** Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.

**Submetido em:** 06/07/2020

**Aprovado em:** 18/07/2020

**Publicado em:** 06/08/2020